

Joelmir Beting

"O acordo externo não é uma fita de chegada. É um tiro de partida."

Marcílio Marques Moreira, ministro da Economia



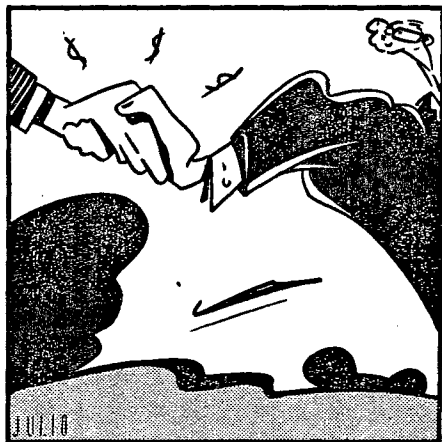
O primeiro passo

Os bancos credores do Brasil acabam de trocar as bolas. Antes, exigiam um vigoroso ajuste interno para a armação de um aguado acordo externo. Ajuste interno monitorado pelo FMI, of course. Agora, ligam o desconfiômetro: até para fazer um razoável ajuste interno é preciso, antes, quebrar o impasse externo — desarrochando o garrote do serviço não mais suportável da dívida.

□□□ Foi essa mudança de conceito que encheu a bola do Brasil. Afinal, não somos nenhuma Brastemp mexicana. Temos de sair do sufoco da dívida para retirar a economia do fundo do poço. Até por falta de opção, a banca internacional acabou dando ao Brasil de Marcílio um tratamento diferenciado ou favorecido. Menos pelos termos do acordo e mais pela aceitação do acordo com um mutuário ainda em estado de coma — e com grave desvio de ordem moral, ainda por conferir.

□□□ Para o cidadão brasileiro, uma verificação meridiana: o acordo da dívida veste a camisa da remissão coletiva. Por uma simples e boa razão: o Brasil só funciona com razão suplementar de poupança externa. Sem essa transfusão de capital alheio, a economia brasileira, pressionada pela cegonha, resvala para a recessão e para a inflação, vulgar stagflation, o pior dos mundos.

□□□ A poupança interna, hoje unicamente privada, mal passa de 15% do PIB. Para voltar a crescer de 7% ao ano, média histórica do pós-guerra, temos de investir 25% do PIB. Até porque



investimento em quantidade do produto e em qualidade da produção. Para um PIB a dólar corrente de US\$ 420 bilhões, o desafio é supimpa: dispomos de US\$ 63 bilhões e precisamos de US\$ 105 bilhões. Para a retomada do crescimento, uma carência de US\$ 42 bilhões por ano.

□□□ A banca internacional promete menos de um décimo disso. Por enquanto. A médio prazo, reata-se a correia de transmissão: 1) fluxo crescente do capital externo de empréstimo; 2) fluxo aderente do capital externo de risco; 3) desova da poupança interna do sistema financeiro para o sistema produtivo. Chave de ignição do processo: a estabilização, não dos preços livres do mercado, mas das regras do jogo da economia. O acordo externo extirpa as incertezas de fora para dentro. É o primeiro passo.